

Os Discursos Terapêuticos na Imprensa a partir da Teoria dos Definidores Primários¹

Aline da Rocha BARBOSA²

Letícia Silva QUEIROZ³

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

Resumo

Este artigo⁴ busca compreender de que forma os “discursos terapêuticos” (ligados à psicanálise, psicologia, psiquiatria e psicoterapia) são representados nos jornais, especificamente no Jornal *O Globo*, e verifica quais as influências dos discursos desses âmbitos profissionais sobre as produções das notícias de cunho comportamental, educacional, entre outros. Essas influências foram visualizadas especialmente a partir da Teoria dos Definidores Primários. Esta define a importância que as fontes, representadas neste trabalho pelos “profissionais da mente humana”, possuem nas formulações de determinadas matérias jornalísticas. Acreditamos que tais fontes são capazes de nortear ou legitimar algumas informações encontradas nos jornais.

Palavras-chave: fontes; definidores primários; discursos terapêuticos.

Introdução

A proposta deste artigo é analisar de que forma a psicanálise, a psicologia, a psiquiatria e a psicoterapia, áreas com conceituações distintas, são usadas como fontes⁵ e verificar quais as influências de tais fontes sobre as formulações das notícias dos jornais. A apreciação da ligação mídia e “discursos terapêuticos” deve ser esclarecida, já que o nosso trabalho trata apenas de determinadas matérias: as que utilizam os depoimentos desses âmbitos profissionais⁶. Cabe enfatizar que não afirmamos que esses tipos de fontes são mais importantes que outras ou que as primeiras podem produzir “verdades absolutas” a ponto de serem usadas em detrimento das demais. O nosso trabalho é específico apenas e se justifica com parâmetros parecidos com os de COELHO JUNIOR (1999): “por que debater as relações entre mídia e psicanálise? Há entre estes dois campos, por acaso, uma relação necessária, de mútua dependência, sem

¹Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009.

²Mestranda do Curso de Comunicação, Imagem e Informação do PPGCOM-UFF, email: linerbarbosa@yahoo.com.br

³Estudante de Graduação do 5º semestre do curso Comunicação Social – Jornalismo da UFF, email: leticiaalasse@hotmail.com

⁴Orientado pelo Prof. Felipe Pena. Professor do curso de Jornalismo - UFF e do PPGCOM-UFF, email: felipepena@globocom.com

⁵Fontes são todas aquelas pessoas que fornecem depoimentos, entrevistas para os jornais. Os relatos desses indivíduos aparecem nas notícias, de forma direta (quando o jornalista usa fielmente, para a confecção da notícia, as palavras que o entrevistado proferiu) ou indireta.

⁶Notícias de fundo comportamental, de educação e saúde ou as que trazem fatos que, na compreensão dos jornalistas ou do “senso comum”, podem ser explicados por agentes dessas áreas, comportam tais “formadores de opinião”.

a qual nenhum dos campos sobreviveria?” (p. 01). Ele diz que não, mas há uma realidade social em que se vê um crescente interesse, “há pelo menos duas décadas, dos meios de comunicação em incluir o pensamento psicanalítico entre as novas ‘tecnologias’ usadas para interpretar e analisar fatos cotidianos e comportamentos de uma maneira geral”. (p. 01).

Assim, trazemos uma especificidade, a análise das influências desses discursos terapêuticos nos jornais, e fazemos tal verificação a partir da Teoria dos Definidores Primários. Dessa forma, propomos primeiro delinear as diferenças em torno das áreas “psicanálise”, “psicologia”, “psiquiatria” e “psicoterapia”⁷. Depois, nossa intenção é apresentar a Teoria dos Definidores Primários, mas assinalamos outras, como a Teoria do Espelho, do Newsmaking e a Teoria da Espiral do Silêncio. Em próximo item, explicamos de que forma os profissionais dos “discursos terapêuticos” ou “da mente humana” funcionam como definidores primários das informações divulgadas: norteando as direções das notícias e legitimando os conjuntos de dados apresentados. Por fim, apresentamos um “trabalho de campo”: a análise das imagens e das influências dos psicanalistas (e de seus “colegas”) nos jornais por meio de matérias colhidas no Jornal *O Globo*. Assim, vislumbramos os exemplos das idéias apresentadas teoricamente⁸.

Psicologia, Psiquiatria, Psicanálise e Psicoterapia

Antes de entrar na análise de como os discursos terapêuticos são representados nos jornais, é preciso fazer uma diferenciação entre a “psicanálise”, a “psiquiatria”, a “psicologia” e a “psicoterapia”. Há uma confusão com os significados relacionados ao

⁷Um problema advindo da falta de conhecimento sobre tais diferenças: uma matéria “pediria” mais o uso da opinião de um psicanalista do que de um psicólogo, por exemplo. O cidadão comum ou um repórter, às vezes, não conhece a diferença entre essas áreas.

⁸Detalhadamente nossa metodologia foi a seguinte: a pesquisa foi feita no Jornal *O Globo* do dia 01 de janeiro a 11 de abril de 2009. Sendo encontradas 24 reportagens e 3 artigos de opinião que constassem qualquer profissional ligado aos “discursos terapêuticos”. Detalhadamente foram 12 psicólogos; 6 psiquiatras; 9 psicanalistas; 2 psicoterapeutas. De todos esses, apenas dois profissionais apareceram mais de uma vez no jornal. O psicanalista Carlos Eduardo Leal, duas vezes, e a psicoterapeuta Sueli Queiroz, também duas vezes. Todas as reportagens foram divididas numa tabela de temas (não possível de ser colocada aqui, mas disponibilizada para apresentação no congresso para o qual este artigo foi elaborado e enviada a quem tenha interesse) para facilitar a compreensão na relação entre assunto e profissional indicado. A tabela foi dividida em dez categorias distintas, porém algumas podem ser lidas de duas formas e, por isso, possuem duas denominações: Auto-ajuda/Superação; Carreira; Conquistas/Determinação; Educação/Adolescentes; Estresse; Imagem; Saúde; Saúde Mental; Sofrimento/Violência e Traição. Além disso, também fizemos entrevistas com alguns profissionais: o jornalista Fernando Molica, do jornal *O Dia*; o psiquiatra Carlos Eduardo Leal Vidal (MG); o psicanalista Carlos Eduardo Leal – RJ (este aparece inclusive nas matérias do jornal *O Globo* que nos serviram como exemplos); Nelson Ernesto Coelho Junior (Professor Doutor do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo que inclusive escreveu um dos artigos utilizados em nossa pesquisa).

termo “psi”⁹, especificamente com os referentes às profissões que carregam tal termo. Embora, todos os profissionais citados trabalhem em campos ligados à saúde mental e tenham por base quase a mesma tarefa, há diferenças entre eles. Estas se concentram na formação profissional e nos métodos de tratamento de cada um deles. Porém, a principal confusão se encontra na construção do perfil do psicanalista, vejamos por que:

Formado em Psicologia, o psicólogo é o profissional que atua na área clínica, organizacional, educacional, entre outras. Ele pode também atuar na área de pesquisas científicas, contribuindo para o conhecimento científico do comportamento humano. O profissional deste campo utiliza a psicoterapia, um conjunto de técnicas e meios de analisar e tratar dos problemas emocionais, comportamentais e/ou de transtornos mentais. De acordo com SCARPATO (2008), a psicoterapia se desenvolve por meio do diálogo, no qual o médico conduz o paciente a um processo de autoconsciência de suas ações e sentimentos. Existem formas de psicoterapia conforme as necessidades e configuração dos problemas, como a psicoterapia de grupo, a psicoterapia de casal, a psicoterapia de família, entre outras. Portanto, os psicólogos e todos os profissionais que trabalham com a psicoterapia são denominados psicoterapeutas.

Graduado em Medicina e com especialização em Psiquiatria, o psiquiatra é o profissional que detém os conhecimentos da ciência e as especialidades médicas centralizadas nos casos comportamentais que fogem ao “padrão”. MANNONI (1981), diz que “a sociedade confia no médico [psiquiatra] para que este designe os indivíduos a serem excluídos por meio de um diagnóstico, quando não é mais possível integrá-los à normalidade” (p. 15). Portanto, este profissional é preparado para lidar com todos os tipos de transtornos mentais, por exemplo, psicoses, depressão. Uma diferença dos psiquiatras aos demais médicos da saúde mental, é que os primeiros possuem licenças para prescrições de medicamentos, como antidepressivos.

Já o psicanalista é um profissional sem graduação específica, qualquer pessoa com ensino superior completo pode realizar o curso de especialização da Sociedade Brasileira de Psicanálise. Embora, muitas vezes, são os próprios psicólogos e médicos que fazem este curso. Eles se submetem aos métodos de tratamentos indicados por Sigmund Freud. O método utilizado são as sessões de conversa com o paciente. Por

⁹Psi é a antepenúltima letra do alfabeto grego, que sozinha não possui nenhum significado. Somente ganha sentido quando ela passa a fazer parte da palavra grega psychein (psique), que originalmente significava “alento”, em seguida, “suspiro”, e finalmente “alma”. O que resultou na palavra: psicologia, que atualmente possui o sentido de ciência da alma. (ETCHEGOYEN, 2003).

meio dessa comunicação, o psicanalista propõe ao paciente analisar sua mente e ajudá-lo a enfrentar seus problemas. Porém, CALÓ (2005) apresenta que apesar de muito difundida, “a Psicanálise, diferente da Psicologia e da Psiquiatria, não possui status científicos e sua eficácia parece questionável quando se observa o tempo em que o cliente passa pelo processo psicanalítico sem qualquer melhora significativa” (p. 2). Contudo, o que causa confusão é que tanto o psicólogo quanto o psiquiatra podem usar a psicanálise como suporte teórico no seu trabalho.

Tendo em vista as diferenças entre esses profissionais, como verificar os definidores primários das informações em determinadas matérias dos jornais? Até que ponto é relevante o papel do psicanalista ou de seus “colegas” nos meios de comunicação? Como diferenciar qual o profissional mais indicado? Vale lembrar que o leitores, que consomem as idéias difundidas, se tornaram os principais agentes do surgimento da psicanálise e áreas afins como fenômenos na mídia. Ricardo Piglia, em “O Melodrama do inconsciente”¹⁰, diz que a psicanálise, por exemplo, é uma das áreas mais “atraentes da cultura contemporânea, e isto porque todos nós queremos uma vida intensa. Gostamos de admitir que, em algum lugar de nossas vidas banais, experimentamos grandes dramas”.

A Teoria dos Definidores Primários

A fim de compreender como a imagem da psicanálise - e das ciências afins que parecem capazes de “explicar o comportamento humano” - é representada nos jornais, é necessário refletir sobre aspectos mais amplos ligados as produções de notícias, como o papel das diversas fontes nas matérias publicadas. Esses aspectos relacionam-se com uma das grandes questões que pairam sobre a atividade jornalística: tentar entender “porque as notícias são como são”. Diversas teorias foram, com o passar do tempo, condensando informações que pudessem de certo modo responder essa questão.

A Teoria do Espelho¹¹ é bem conhecida e talvez a mais difundida entre os jornalistas que pretendem passar a imagem de que as notícias são relatadas sem qualquer interferência. PENA (2006) diz que a base dessa teoria é a idéia de que o

¹⁰Publicado na Folha de S. Paulo (21/06/1998). Tal informação foi retirada do artigo “Imagem da Imagem” de Coelho Junior (1999), p.1.

¹¹O desenvolvimento desta visão ou desta ideologia da objetividade está atrelado ao próprio desenvolvimento do jornalismo enquanto indústria, um longo processo que se estende durante o século XIX e se solidifica no século XX (QUINDERÉ, 2007, p. 02).

“jornalismo reflete a realidade. Ou seja, as notícias são do jeito que as conhecemos porque a realidade assim as determina. A imprensa funciona como um espelho do real, apresentando um reflexo claro dos acontecimentos do cotidiano”. (p. 125). O jornalista tem a missão de observar a realidade e emitir um relato. QUINDERÉ (2007) explica que “diante desta premissa, o jornalista é apresentado como um mediador desinteressado” (p. 02) e acrescenta: “é interessante notar que, em linhas gerais, é esta a visão que predomina no jornalismo ocidental até hoje. Basta lembrar a eterna obsessão de alguns jornais na separação de fatos e opiniões”. (p. 02)

Uma idéia contrária a essa visão é a Teoria do Newsmaking, onde o “jornalismo está longe de ser o espelho do real. É, antes, a construção social de uma suposta realidade” (PENA, 2006, p. 128). Então, os jornalistas constroem os discursos que, através de uma série de operações e pressões sociais, formam o que chamamos de “notícia”. Dessa forma, a imprensa não reflete a realidade, mas ajuda a construí-la¹². Tal teoria considera, então, que vários elementos se interagem para uma notícia ser elaborada. O jornalista é apenas um desses. Além disso, há uma correspondência com a realidade, mas considerando que são diferentes visões do que aconteceu¹³.

Quanto à Teoria dos definidores primários (também chamada de teoria estruturalista), essencial para nosso estudo, esta se aproxima da “concepção instrumentalista sobre a atividade jornalística, mas reconhece que ela também está sob a decisiva influência das rotinas produtivas” (PENA, 2006, p. 153). Cabe aqui um parêntese para dizer que pela teoria instrumentalista (ou da ação política) as notícias servem a determinados interesses políticos¹⁴. Como QUINDERÉ (2007) explica: assim

¹²Esses pressupostos estão incluídos no modelo teórico do newsmaking, cuja sistematização feita por autores como Mauro Wolf e Nelson Traquina, por exemplo, leva em consideração critérios como noticiabilidade, valores-notícia, constrangimentos organizacionais, construção da audiência e rotinas da produção. Ou seja, embora a notícia não se esgote na sua produção, é com ela que esse modelo está preocupado. A perspectiva da teoria do newsmaking é construtivista e rejeita claramente a teoria do espelho. Mas isso não significa considerar as notícias ficcionais, sem correspondência com a realidade exterior. (PENA, 2006, p. 128-129)

¹³Já a Teoria do gatekeeper não aprecia diversos fatores na elaboração da notícia. Segundo PENA (2006), “é um clássico exemplo de teoria que privilegia a ação pessoal (...). O conceito refere-se à pessoa que tem o poder de decidir se deixa passar a informação ou se a bloqueia” (p. 133). Sendo grande o número de acontecimentos, só se tornam notícias os que passam por uma cancela ou portão, gate, em inglês, coordenada por uma espécie de porteiro selecionador, o gatekeeper, que é o jornalista. Este pode optar pela progressão ou não da notícia. A teoria foi perdendo prestígio, substituída por idéias da construção social da realidade, por exemplo. Na literatura acadêmica, a primeira teoria que surgiu foi a teoria do gatekeeper. Nos anos 50, White aplicou, pela primeira vez, o conceito ao jornalismo. (...). A teoria analisa as notícias apenas a partir de quem as produz: o jornalista. Assim, privilegia uma abordagem microssociológica, em nível do indivíduo, ignorando, por completo, os fatores macrossociológicos, ou mesmo, outros fatores microssociológicos, como as rotinas de trabalho (VIZEU, 2003, p 07).

¹⁴A partir dos anos 1960, ganharam corpo e relevância estudos que ressaltavam as implicações políticas, econômicas e sociais no campo jornalístico. (...) Seja tomando posicionamentos de esquerda ou de direita, as teorias instrumentalistas defendem a premissa de que as notícias podem agir como distorções sistemáticas que servem aos

como a teoria da ação política na versão de esquerda, a teoria dos definidores primários também parte do pressuposto de que os meios de comunicação de massa e o jornalismo acabam por reproduzir a ideologia dominante. Mas, tal reprodução acontece “através da relação estrutural e dependente entre as diversas mídias e os definidores de sentido para os acontecimentos, ajudando a construir uma sociedade consensual” (p.06). O autor diz que tal idéia se “afasta do poder de manipulação das notícias pelos jornalistas para chegar ao poder das fontes privilegiadas e institucionais (definidores primários) na construção destas mesmas notícias”. (p. 06). Conforme PENA (2006), a Teoria dos definidores primários manifesta que sua “perspectiva de análise não está centrada na possibilidade de manipulação das notícias por parte dos jornalistas, mas sim no poder que fontes privilegiadas têm na construção dessas mesmas notícias” (p. 154).

Apesar da semelhança com a versão de esquerda da Teoria da Ação Política, o controle do jornalismo na preservação de estruturas de poder na Teoria dos definidores não se faz “num processo fechado, pois os veículos de comunicação de massa não fazem parte do aparelho de Estado, possuem lógicas e interesses próprios que podem levá-los a entrar em conflito com os poderosos definidores primários da notícia” (ROCHA, 2008, p.09). Além disso, tais meios podem colher vantagens com as disputas entre as diversas instituições que estruturam a sociedade¹⁵. Tendo em vista tais ressalvas, ROCHA (2008) conclui:

A tremenda desigualdade no poder de definir a agenda midiática, existente na relação entre os jornalistas e os poderosos do Estado e do mercado, fica patente na distinção que os estruturalistas fazem desses agentes sociais como definidores primários da notícia, enquanto os profissionais da imprensa figuram apenas como definidores secundários. (ROCHA, 2008, p. 09)

interesses políticos de certos agentes sociais bem específicos, que utilizam as notícias na projeção de sua visão particular de mundo, de sociedade (...). A teoria instrumentalista reforça também a ação pessoal do jornalista, a quem só resta duas opções: contra ou a favor. Sua conduta deve ser guiada rumo à apenas um caminho, de dois lados bastante distintos. O primeiro é o cão de guarda da verdade, o protetor dos mais fracos “doa a quem doer”, o herói do sistema democrático. O segundo seria o capacho das instituições capitalistas, o servo dos neo-senhores do castelo. Essa abordagem foi relativizada com o passar dos anos por seu aspecto extremamente determinista. Ela deixa de fora aspectos importantes que ajudam a moldar a atividade jornalística, como a ação do contexto histórico ou ações macro-sociológicas mais amplas, a exemplo da noção estreita dos gatekeepers. Entretanto, ela não deve ser descartada como uma mera teoria conspiratória démodé que teve alguma relevância nos anos 1960 e 1970. (QUINDERÉ, 2007, p. 03 -04).

¹⁵Como PENA (2006) completa os próprios defensores de tal teoria tratam de relativizá-la. O autor apresenta Stuart Hall que acredita que “os jornalistas têm uma lógica específica (cultura profissional) e podem entrar em conflito com os definidores primários. Além disso, há sempre uma disputa pelo poder entre as instituições, o que pode levar as versões contraditórias sobre o mesmo assunto” (p. 155). Pena cita as reportagens investigativas que desafiam fontes poderosas e acrescenta que não há como ser tão determinista, enxergando tal teoria de forma estruturalista, com idéias imutáveis e atemporais. Além de não poder limitá-la ao padrão instrumentalista de servir aos propósitos de uma classe. Mas, o autor diz que mesmo assim “Hall insiste em classificar esses fatores como secundários, pois o ponto chave da teoria é que a mídia reproduz a ideologia dominante e perpetua o status quo” (p. 155).



Nesse sentido, pessoas com cargos institucionais, políticos, donos de empresas, delegados ou aquelas que demonstram o conhecimento sobre determinada área (como os psicanalistas, psicólogos), entre outros, funcionam como definidores primários e norteiam o trabalho da imprensa, definindo o rumo das notícias. PENA (2006) lembra de que modo as rotinas de produção e o anseio pela objetividade influenciam esse processo. A “preferência pela opinião dos poderosos funciona, na verdade, como uma defesa para o jornalista. Ao colher um depoimento que legitima a informação, ele se esconde atrás da palavra do outro” (p.154). O jornalista sente-se protegido ou acomodado e não precisa procurar a confirmação de uma informação. Entrevista, no máximo, alguém que defenda algo contrário. Dessa forma, ele “demonstra objetividade, mas quem perde é o leitor que não sabe qual é a informação exata. Além disso, as pressões do deadline também privilegiam os definidores primários” (p.154). Isso porque, na hora do fechamento, o jornalista acaba dando preferência a uma fonte conhecida, “respeitada”.

A perpetuação de uma ideologia pode ser explicada pela relação entre a mídia e a opinião pública, da forma ressaltada na Teoria da espiral do silêncio¹⁶. PENA (2006) ressalta que “essa teoria defende que os indivíduos buscam a integração social através da observação da opinião dos outros e procuram se expressar dentro dos parâmetros da maioria para evitar o isolamento” (p. 155). Os meios de comunicação tendem a priorizar as opiniões que parecem dominantes, “consolidando-as e ajudando a calar as minorias (na verdade maiorias) isoladas. Nesse ponto, a espiral do silêncio aproxima-se da teoria dos definidores primários” (p. 156), já que as duas defendem que a prioridade é causada pelo fácil “acesso de uma minoria privilegiada (as fontes institucionais) aos veículos de informação” (p. 156). Dessa forma, finaliza Pena, opiniões que aparentam consensuais se perpetuam, já que a maioria silenciosa não se expressa, não é ouvida pela mídia, fato que demonstra que o conceito de opinião pública está distorcido.

É preciso ressaltar que a teoria dos definidores primários (estruturalista) partilha de um paradigma que emergiu na década de 70: o jornalismo como construção social da realidade, já explicado aqui. A teoria etnoconstrucionista também se apóia nessa

¹⁶A primeira vez que se ouviu esse conceito foi em 1972, durante o 20º Congresso Internacional de Psicologia, em Tóquio, no paper intitulado Return to the Concept of powerful mass media. Studies of broadcasting 9, da alemã Elisabeth Noelle-Neuman. Mas somente em 1984 a pesquisadora relacionou suas idéias em um único livro, publicado nos Estados Unidos com o nome de A espiral do silêncio. (PENA, 2006, p. 155).

premissa, no entanto, uma diferença central entre a teoria estruturalista e a etnoconstrucionista, segundo VIZEU (2003), “é que a primeira é mais orientada para as fontes, e a segunda, mais orientada para os jornalistas”. (p. 09-10)¹⁷. Acredita-se, então, que a opinião dessas fontes (chamadas definidores primários) pode comandar o tratamento subsequente de uma matéria jornalística.

Portanto, para nosso estudo, partimos primeiramente da premissa de que o jornalismo exerce a construção social da realidade, idéia demonstrada através da Teoria do newsmaking, nos afastando, assim, da Teoria do Espelho. Depois, compartilhamos, principalmente, do interesse em estudar o papel das fontes na construção dessa “realidade” visualizada nas notícias (a partir da teoria dos definidores primários) ou, mais especificamente, de que forma as fontes psicanalistas e de seus “colegas” psicólogos, psiquiatras e psicoterapeutas têm sido representadas nos jornais e que influências possuem sobre as matérias.

Os “Profissionais da Mente” como Definidores Primários

A fim de interpretar e analisar fatos e comportamentos¹⁸, a mídia usa cotidianamente como fontes de suas matérias os “profissionais da mente”. Esses tipos de fontes¹⁹ podem funcionar como definidores primários das informações que são divulgadas. Mesmo que os próprios psicanalistas ou seus “colegas” neguem que são “os explicadores do comportamento humano”²⁰, eles nos aparecem nos jornais como aqueles que possuem o conhecimento necessário para nos fazer entender o porquê de

¹⁷Além disso, segundo o mesmo autor, a teoria etnoconstrucionista reconhece um grau maior de autonomia por parte dos jornalistas, já a estruturalista defende a posição de que os valores-notícia dos jornalistas têm um papel central na reprodução da ideologia dominante.

¹⁸Esses fatos podem ser pouco ou muito “extraordinários, incluindo desde o que faz com que adolescentes de classe média passem o fim de semana dentro de um shopping - center às chocantes notícias de filhos que matam pais” (COELHO JUNIOR, 1999, p. 32) ou vice-versa.

¹⁹A teoria dos definidores primários trata da importância das fontes no geral. Além disso, acreditamos que uma fonte da psicologia, psiquiatria ou afim não traz uma “verdade absoluta” e os próprios jornalistas sublinham isso. Um exemplo: Em uma entrevista que elaboramos especialmente para esse trabalho com Fernando Molica, colunista do jornal *O Dia*, perguntamos a ele sobre o papel de um psicanalista na definição das matérias, e tal jornalista nos deixa claro que um psicanalista é como outra fonte qualquer. Ele diz: “é o mesmo quando eu chamo um engenheiro, um advogado, ou um gari”. Concordamos que o psicanalista pode ser uma fonte como outra qualquer, enxergando que isso vai depender do fato de que cada matéria vai exigir um tipo de fonte. Mas, o nosso estudo que é específico, aplicado às fontes da psicanálise e áreas afins. A especificidade desse estudo é justificada na introdução também.

²⁰Em entrevista feita especialmente para a confecção deste artigo o psicanalista Carlos Eduardo Leal (RJ) que aparece em algumas matérias do jornal *O Globo*, analisadas em nosso estudo, ao ser perguntado se os psicanalistas podem ser considerados como os “explicadores” do comportamento humano, nos responde: “Claro que não. O bordão “Freud explica” é o que há de mais errado. A psicanálise não explica. Ela leva o sujeito a reconhecer seus limites, suas potencialidades e a se livrar do sofrimento neurótico”.

determinado comportamento ou fato e como os que podem nortear ou legitimar as direções das notícias. No caso de “nortear”, convém sublinhar que não supomos que esse “norreamento” aconteça *apenas* assim: na produção de uma matéria, tais fontes dizem algo e os outros “ingredientes” seriam buscados ou adaptados depois, para seguir aquela “receita”. Considerando as produções de notícias que passam por processos distintos cada uma, não afirmamos que as opiniões dessas fontes chegam necessariamente antes ou depois de outros dados. Isso vai depender do tipo de matéria. Na maior parte das vezes, considerando o conteúdo que analisamos²¹, o jornalista parece ter um “fato” em mãos antes e só depois esse “fato” é analisado pelo psicanalista - e seus “colegas”- que demonstra, através de sua opinião, ser a pessoa capaz de definir um rumo, uma forma da notícia e legitimar a interpretação que todo o conjunto de dados da notícia apresenta. Claro que cada leitor possui uma interpretação, delineando mais ou menos importância pra aquela fonte, com sua opinião, mas, estamos querendo sublinhar a “força” que aquela opinião tem, chegando antes ou depois do “fato”, para delinear a forma que todo o conjunto de dados da notícia é apresentado²².

Convém ampliar nosso pensamento de outra maneira: uma matéria sobre comportamento, por exemplo, pode obedecer a um norreamento, compatível com as fontes dos discursos terapêuticos, que *já* existia, pois um senso comum, relativo ao assunto da matéria, estava formado antes²³. Assim, essas fontes já haviam formado uma ideologia, um senso comum entre nós, incluindo os jornalistas, pois tais fontes possuem os conhecimentos para isso ou provocam o efeito de fascinação e aceitação na sociedade. Assim, esses profissionais e as suas palavras presentes nos textos das matérias jornalísticas só confirmariam explicitamente uma idéia que já se exercia, de forma implícita, (ou, se quisermos usar um conceito freudiano: de forma inconsciente) sobre os jornalistas e todos nós. Por fim, convém ressaltar que existem outros dados que colaboram para uma notícia tomar determinado rumo, mas, considerando nosso objetivo

²¹Tal conteúdo será demonstrado a seguir.

²²Isso leva em conta pensar itens já citados durante a explicação da teoria dos definidores primários: as rotinas de produção, o anseio pela objetividade jornalística, as opiniões de fontes que funcionam como defesa para o jornalista não demonstrar com suas palavras, mas com as de suas fontes, a idéia central que tenta passar aos leitores.

²³Um senso comum ou uma “opinião pública” (referente a esta cabe pensar sobre a relação da Teoria dos Definidores Primários com a Teoria da Espiral do Silêncio) já estava formada. A teórica CHAUI (2007), por exemplo, percebe três deslocamentos na idéia e na prática da opinião pública e um deles, “é a substituição do direito de cada um e de todos de opinar em público pelo poder de alguns para exercer esse direito, surgindo, assim, a curiosa expressão ‘formador de opinião’, aplicada a intelectuais, artistas e jornalistas” (p. 12). Assim, compreende-se o poder das “fontes” sobre as notícias e sobre os leitores.



específico, as fontes das “áreas terapêuticas”²⁴, são essenciais para a constituição de certas notícias. Tais premissas ficam mais claras a partir das análises no jornal *O Globo*.

A Imagem dos Discursos Terapêuticos na Mídia

A partir de um recorte foram selecionadas todas as matérias com profissionais ligados a mente humana durante um período de quase três meses no jornal *O Globo*. A primeira parte da análise consistiu em uma divisão temática de cada reportagem selecionada²⁵. A segunda de uma análise de cada matéria para o esclarecimento de como são utilizados os conceitos desses âmbitos profissionais nos textos. Observou-se que a psiquiatria, a psicologia e a psicanálise pertencem ao nosso cotidiano, afastam-se do sentido de especialidades médicas e hoje influenciam nas relações sociais, nos costumes e na cultura. A psicanálise acumulou conhecimentos sobre as emoções humanas²⁶. Desse modo, no caso do psicanalista, este seria um profissional indicado a comentar as relações entre as pessoas. COELHO JUNIOR (1999) alude sobre a relevância de destacar que não há uma relação de dependência ou de necessidade entre a mídia e a psicanálise. Mas, ele observa que o interesse pela última partiu do homem tentar encontrar explicações para tudo. Deste modo, o teórico expõe que a mídia, através da utilização da psicanálise, tenta padronizar normas de comportamento. Assim, psicanalistas usariam a mídia para promover os seus conhecimentos? Ou o jornalista que utiliza esses conhecimentos como fontes de informações²⁷? Mesmo que os jornalistas vêem o psicanalista - e seus “colegas”- como qualquer outro “especialista” e este tipo de utilização pode fazer com que estas áreas percam seu caráter crítico e reflexivo²⁸, os profissionais da “mente humana” não deixam de expressar suas opiniões e nortear rumos para algumas matérias. Carlos Eduardo Leal, psicanalista, declara que o “psicanalista pode ser um analista cidadão, quer dizer um analista presente na sua cidade, no mundo. Ele precisa dar a sua opinião e não ficar apenas só no consultório

²⁴Representam aqui a importância de algumas fontes como definidores primários da informação.

²⁵Indica-se voltar a nota 9 que explica nossa metodologia.

²⁶AMENDOEIRA (2000) exemplifica alguns desses conhecimentos: as relações afetivas, o desejo, a ambição, os aspectos patológicos e todas as motivações dos pensamentos e das ações humanas. Desse modo, a psicanálise procura compartilhar toda a experiência acumulada com a sociedade para ajudar o homem na busca de um maior conhecimento sobre si mesmo, a descobrir suas capacidades, aceitar suas limitações e aprender a lidar com elas. (p.3).

²⁷Tais perguntas podem ser ampliadas para a relação da mídia com o psicólogo, psiquiatra e psicoterapeuta.

²⁸Isto porque, “os chamados discursos especializados aparecem diluídos entre vários perdendo sua especificidade, e ficam, em geral, submetidos à editoração e às sínteses realizadas pelos jornalistas”. Pois, algumas vezes, as matérias possuem espaços muito curtos e a declaração de um psicanalista é ínfima ao valor do que ele realmente teria expressado. (COELHO JUNIOR 1999, p.2).

escondido de todos”. COELHO JUNIOR (1999) complementa que o importante é questionar se a informação passada seria ingerida²⁹ sob uma reflexão ou apenas absorvida como verdade diante da voz de um especialista.

Análise das Diferenças entre os Usos dos Discursos:

A análise das matérias selecionadas evidencia a ordem temática que se insere o discurso de cada “profissional da mente humana”. O psicólogo aparece em notícias nas editoriais de emprego, educação, saúde e esporte, isto acontece porque tal profissional opera tanto em nível psicológico do indivíduo quanto no organizacional.

As matérias de esportes relacionadas aos atletas utilizam o discurso do psicólogo, normalmente o que trabalha neste meio esportivo. Como nas matérias: “Até com psicóloga, Osasco perde outra para o Rio”³⁰ e “Psicologia, a aliada de Ney Franco no novo Botafogo”³¹. Ambas as notícias se encaixam na temática de Auto-Ajuda/Superação. A segunda matéria apontada apresenta a idéia de que o psicólogo não é o profissional que vai resgatar o time, mas ajudar no trabalho da equipe³².

Já na área da educação, os profissionais escolhidos como fontes são de diferentes formações. Na primeira matéria da temática Educação/Adolescentes, “Seu juiz, o que eu faço com meu filho? - Pais sem controle de menino de 10 anos”³³, a psicóloga Ruth Coeh opina sobre uma situação da sociedade atual: o declínio da autoridade dos pais perante os filhos. A matéria começa dizendo que: “Primeiro eles procuraram as escolas. Depois, foram bater à porta dos psicólogos e psicanalistas. Agora fracassadas todas as alternativas, pais aflitos se tornaram a mais nova clientela da Justiça”. Assim, a matéria já apresenta o rumo das conclusões. Não diferenciam o psicólogo do psicanalista dentro desta abordagem. Toda a matéria é acompanhada de depoimentos de juízes, do conselheiro tutelar e dos pais, sendo estes os “principais personagens”. O psicólogo parece inicialmente à margem dessa discussão, até porque, como afirmou o jornalista, aquele faz parte das “fracassadas alternativas”. Mas, é a psicóloga quem analisa o que

²⁹ Aqui entra a questão da interpretação do leitor.

³⁰ Matéria de 08/02/09, p.7, Caderno de Esportes/O Globo.

³¹ Matéria de 22/02/09, p.30, Editoria Esportes/O Globo.

³² Percebe-se no discurso da psicóloga Maíra Ruas uma explicação firme e simples: “Muita gente acha que psicólogo é para maluco. Não é nada disso. Nosso trabalho é tão importante quanto o do preparador físico, do médico porque o aspecto emocional está sempre presente e gente não é número. Cada um pensa e reage de um modo e é preciso entender o que acontece”. (RUAS, 22/02/09, p.30).

³³ Matéria de 25/01/09, p.2, O mundo/ O Globo.

está acontecendo, quem legitima informações³⁴. Na mesma temática Educação/Adolescentes, a matéria “Ele fumava [maconha] em casa e eu permitia” apresenta a consternação do pai ao ter o filho preso por tráfico de drogas. De modo resumido, o pai apresentava uma justificativa, associada a dislexia, para o filho fumar maconha³⁵. Aqui, o jornalista Rogério Daflon opta pelo discurso do psiquiatra Gabriel Bronstein, que tomará frente ao analisar a situação. Ele expõe: “Dislexia é transtorno de linguagem, e isso nada tem a ver com comportamento. Ele pode ter algum problema que exija o uso de medicamentos, mas o uso terapêutico da maconha é bem discutível”³⁶.

As diferenças entre os discursos dos profissionais são mais evidentes quando a temática se repete, assim, os rumos de cada matéria são divergentes. No artigo “Pacto perverso”³⁷, da psicoterapeuta Sueli de Queiroz, novamente o assunto do limite dos pais perante os filhos é abordado. Desta vez, a própria profissional toma partido do texto³⁸ e argumenta a decadência dos jovens hoje em dia por culpa dos pais. Pois, a psicoterapia é a única forma de tratamentos em conjunto e, neste caso, não cabe analisar somente os filhos ou os pais, e sim as relações familiares. Por fim, nem sempre o tema vai refletir na escolha do particular especialista. Esta escolha do jornalista depende de como os pontos serão abordados ou de qual é o foco de sua reportagem ou entrevista.

Análise do Discurso do Psicanalista

“O inconsciente é, pois, a sede de forças dinâmicas que, direto ou indiretamente, dirigem os comportamentos. Essas forças inconscientes procuram expressar-se e manifestar-se no plano do consciente”. (COLLETE, 1966, p.12.). Se o inconsciente “descoberto” por Freud anos atrás é o controlador do comportamento do homem, é interessante analisar os discursos desta área específica. Portanto, nas demais matérias selecionadas durante a pesquisa, o psicanalista estava relacionado a temas de determinação, superação/auto-ajuda e traição. Em “Virando a página – Cariocas contam

³⁴ Nesta matéria, Ruth Cohen faz o esclarecimento ao público, indagando assim: “A figura do juiz tem valor semelhante à que era do pai. Em outros tempos, a palavra do pai interditava a do filho. Sua função está sendo substituída porque a lei de respeito dentro de casa está frouxa, não tem mais a força que tinha outrora”

³⁵ A justificativa do pai do rapaz foi: “Ele [o filho] tem uma dislexia e começou a fumar maconha aos 15 anos. Ele tomava muito remédio e parou de usar o medicamento com isso, que mal não deve fazer”.

³⁶ Cabe lembrar que o psiquiatra (que atua como definidor primário na matéria) é o profissional dentro das correntes psicológicas apto a diagnosticar e tratar de assuntos relacionados aos medicamentos.

³⁷ Artigo de 30/03/09, p.7, editoria Opinião/O Globo.

³⁸ “Os jovens começam a beber cada vez mais cedo. Esta, por si, já é uma constatação preocupante. Mas, a realidade parece ainda pior: não são mais os jovens, e sim as crianças, que estão bebendo e se embriagando” (QUEIROZ, Sueli de, p.7. 30/03/09).

como deram a volta por cima em traições, tragédias familiares e acidentes”³⁹ é compreensível abordarem a psicanálise. Pois, os personagens apresentados dão depoimentos de como conseguiram alívio para seus problemas praticando exercícios, por exemplo. Esse método utilizado é denominado na psicanálise de sublimação, porém Freud não desenvolveu um conceito sobre essa teoria⁴⁰.

Por outro lado, na reportagem “A estrela desce”⁴¹, a psicanalista Hedilane Coelho, além de participar no corpo da matéria, dispõe de um quadro destacado, no qual discorre sobre o tema da reportagem. Neste caso, fala sobre o livro “Toque de estrelas”⁴². Mulheres de várias profissões, que leram o livro, opinam sobre ele durante o texto. Já a psicanalista faz uma análise do porquê do sucesso e da relevância da leitura da obra, recomendando-a para as suas pacientes. A psicanalista apresenta um discurso que, de certo modo, predomina sobre os outros e a sua voz dá credibilidade à temática da matéria. Itens que confirmam a lógica dos definidores primários da informação.

Na reportagem “Contra dor-de-cotovelo, a literatura-consolo”⁴³ constata-se que na época de crise financeira o gênero de livro que ensinava as pessoas a seguir um certo comportamento ou explicava a origem de um problema e as possíveis soluções estava fazendo sucesso no mercado. A reportagem traz a opinião da psicanalista Vera Rita Ferreira, também autora de “Psicologia Econômica” que entra neste tipo de gênero, pois estimula o leitor a seguir um determinado comportamento que lhe proporcione benefícios. A matéria demonstra que até mesmo no mundo da economia o comportamento condiciona os resultados: “a maioria [dos livros] fala de disciplina. Se as pessoas fossem disciplinadas não teriam perdido tanto dinheiro na crise”. Porém, o psicólogo Collette diz que “os comportamentos humanos geralmente são determinados no interior, e não resultam apenas de uma resposta a um estímulo exterior”. (COLLETTE, p.2, 1966). Intensificando a discussão, em que a máxima dos consultórios de psicanálise não é igual aos discursos proferidos na mídia pelos psicanalistas.

³⁹ Matéria de 11/04/09, p. 1 e 2, Caderno Ela/ O Globo.

⁴⁰ Mas COLLETE (1971) elucida o sentido: no mecanismo de sublimação, o ego muda o fim ou o objeto da pulsão. De certo modo, o processo consiste em desviar a pulsão para um objeto, ou um fim, que a possa satisfazer, sendo, porém, socialmente mais aceitável e mais valorizado, enquanto o fim ou objetos naturais da pulsão não poderiam ser aceitos sobre a sua forma direta no plano da realidade social (COLLETTE, 1971, p. 175).

⁴¹ Reportagem de 28/03/09, p.6, Caderno Ela/ O Globo.

⁴² Segundo a notícia, o livro é um fenômeno de vendas na França e agora no Brasil. A autora do livro é uma mulher de 89 anos, feminista e escreve críticas irônicas sobre o culto a juventude eterna e a instituição do casamento.

⁴³ De 02/02/09, p.16, Caderno de Economia/ O Globo.



De qualquer modo, os discursos terapêuticos legitimam as situações cotidianas, pelas quais a opinião pública espera esclarecimentos de especialistas. Assim, provam-se a teoria dos definidores primários e a espiral do silêncio, ambas explicadas neste artigo.

Conclusão

As relações dos diversos profissionais com a mídia são abrangentes e sugerem várias questões. A utilização do discurso do psicanalista - ou de seus colegas - não é melhor em detrimento das outras, porém foi o recorte escolhido para visualizarmos como as teorias do jornalismo, em especial a teoria dos definidores primários, circulam nos jornais, neste caso no jornal *O Globo*. Por meio deste recorte foi possível observar que a voz de um especialista tem-se feito necessária na mídia.

As neuroses atuais são a bulimia, a depressão e o estresse, diferentes daquelas apresentadas pelos pacientes de Freud quando este criou a psicanálise, por exemplo. Porém, esta ciência se tornou atemporal e o seu âmbito se expandiu progressivamente. Situações como crimes de parricídio, pedofilia e as relações dos jovens com as drogas são assuntos para análise do psicanalista ou dos “seus colegas”. De um lado, a sociedade não consegue entender os motivos das barbaridades deste século e do outro lado os meios de comunicação exibem os acontecimentos, ao mesmo tempo em que buscam uma resposta para tais, a fim de informar o seu público. Assim figuram os “profissionais da mente”, requisitados para apresentarem idéias frente às circunstâncias sociais e para legitimar a opinião pública. No mundo jornalístico, considerando as rotinas de produção e a observância de alguns preceitos, cotidianamente as notícias existem com as colaborações das figuras públicas, na maior parte das vezes, fontes “confiáveis”. O leitor necessita saber o porquê dos escândalos e das mazelas sociais e o jornalista, para isso, busca essas fontes “respeitadas”. A psicanálise, por exemplo, explica fatos e situações através de teorias. Umas são ampliadas e tornam-se conhecimento público, outras ficaram nos consultórios. Mas, o importante é que tal área, assim como as demais apresentadas, tem algo a dizer sobre o homem e a sociedade.

Portanto, transpor o conhecimento científico para as páginas do jornal, de modo responsável, longe de impor uma verdade, é propor uma reflexão sobre a realidade e uma análise do mundo. De outro modo, como na teoria dos definidores primários, esses profissionais da mente aparecem representando os exemplos das fontes

institucionalizadas, capazes de determinar rumos e legitimar informações. As mecânicas das produções jornalísticas, em conjunto com os princípios de imparcialidade e objetividade, produziram o percurso de convidar um “especialista”, a voz credível, para interpretar primariamente os fatos.

Referências Bibliográficas:

AMENDOEIRA, Maria Cristina Reis. *Psicanálise, psiquiatria e poder*. Trabalho apresentado na Mesa Redonda Psicanálise e Psiquiatria do XX Congresso Brasileiro de Psicanálise: Poder, Sofrimento psíquico e contemporaneidade, Rio de Janeiro/RJ, novembro de 2005.

CHAUÍ, Marilena. *Simulacro e Poder*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

COELHO JUNIOR, Nelson Ernesto. *A Imagem da imagem – Questões sobre as relações entre Psicanálise e Mídia*. In XXVII Congresso Interamericano de Psicologia, Caracas, Venezuela 27 de junho a 2 de julho, 1999.

COLLETTE, Albert. *Introdução a psicologia dinâmica – Das teorias psicanalíticas à psicologia moderna*. São Paulo(SP): Companhia Editora Nacional, 1971.

CALÓ, Fábio Augusto. *Quais as diferenças entre Psiquiatra, Psicólogo, Psicanalista e Psicoterapeuta?*In: Artigos do Instituto de Psicologia Aplicada (Inpa). Brasília/ DF, Fevereiro de 2005. (<http://www.inpaonline.com.br/artigos/voce/diferencas.htm>)

ETCHEGOYEN, Horacio R. *Fundamentos da Técnica Psicanalítica - 2ª Edição*, Porto Alegre (RS), Editora: Artmed, 2003.

MANNONI, Maud. *O psiquiatra, seu “louco” e a psicanálise*. Rio de Janeiro (RJ): 2ª Edição, Ed: Zahar Editores, 1981.

GOMES, L. F. *Cinema nacional: caminhos percorridos*. São Paulo: Ed.USP, 2007.

PENA, Felipe. *Teoria do jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2006.

QUINDERÉ, Mário. *Reflexões sobre Jornalismo, Poder e Democracia: Afinal para que serve o Jornalista?* Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP de Jornalismo, Santos/SP, 29 de agosto a 2 de setembro de 2007.

ROCHA, Heitor Costa Lima da. *Habermas e a Teoria do Jornalismo: A Manipulação Ideológica no Jornalismo como Distorção Sistemática da Comunicação*. Estudos em Comunicação n° 4, 41-57, Pernambuco, novembro de 2008.

SCARPATO, Artur. “Uma introdução a Psicoterapia”. In: *Artigos para profissionais e para Leigos*. São Paulo, SP, 2008.

VIZEU, Alfredo. *O Jornalismo e as “Teorias Intermediárias”:* Cultura profissional, rotinas de trabalho, constrangimentos organizacionais e as perspectivas da Análise do discurso (AD). Trabalho apresentado no Núcleo de Jornalismo, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.